



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9121 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

TENSÕES ENTRE RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA DO POVO PIPIPÃ

Luiz Carlos Barbosa de Sá - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

TENSÕES ENTRE RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO POVO PIPIPÃ

RESUMO

A negação da espiritualidade por parte de professores indígenas convertidos a religiões evangélicas é vista como um enfraquecimento a consolidação do currículo específico e diferenciado do povo Pipipã, localizado no município de Floresta, no Sertão de Pernambuco. A tensão surge durante os discursos adotados nas aulas ou na ausência destes docentes evangélicos no último Aricuri, considerado o espaço de maior importância para a construção da educação escolar indígena do povo. Analisamos a questão a partir de BASTOS (2016), sobre as missões dos Jesuítas, que substituíram parte da espiritualidade indígena por aspectos ligados à igreja católica, até o contexto atual trazido por Vilaça (1999), em relação aos evangélicos fundamentalistas que julgam os rituais indígenas como manifestações demoníacas, sem entender o motivo cosmológico/espiritual da conduta originária. Nas falas das lideranças, professores indígenas e estudantes vamos entender como o povo está lidando com a situação, se mesmo com a falsa ideia de civilização no passado e agora a da “salvação da alma”, o índio Pipipã continua guerreiro na luta pelo fortalecimento da identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Professores evangélicos; Cosmologia negada; Educação Escolar Indígena; Povo Pipipã.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata das tensões entre a religiosidade originária e as imposições de outras religiões na formação do povo indígena Pipipã, localizado no município de Floresta, no Sertão do estado de Pernambuco. A educação escolar indígena nas quatro escolas está dividida entre a consolidação de projeto político pedagógico (PPP), que prioriza os conhecimentos originários, e a interferência de alguns professores indígenas convertidos a

religiões evangélicas que passaram a negar a espiritualidade do povo.

A tensão sugere uma inquietação: até onde outras religiões impedem o diálogo entre a educação escolar indígena com a religiosidade e rituais Pipipã? Para tentar responder, nosso objetivo geral é compreender como a prática de professores indígenas convertidos a religiões evangélicas podem interferir na consolidação do currículo específico e diferenciado do povo Pipipã.

Nos objetivos específicos propomos identificar se as tensões entre as cosmovisões indígenas e religiões outras enfraquece a identidade do povo Pipipã, entender se o projeto político pedagógico Pipipã consegue garantir uma educação escolar indígena que evidencie os conhecimentos tradicionais do povo Pipipã numa dinâmica com os saberes universais e mostrar o alcance da luta decolonial a partir da postura de cada professor indígena e se todos conseguiram se despir do colonialismo que o colonizador impõe nas escolas indígenas durante séculos.

No Brasil, os Padres Jesuítas contribuíram com o processo colonizador ao oferecerem uma educação “civilizatória” para os povos nativos aldeados junto às missões em 1549, por meio da educação escolar/religiosa. (BASTOS, 2016. p. 138). A catequização pode ser considerada a primeira experiência de educação escolar para os indígenas do século XVI.

Mas foi a promulgação da Constituição de 1988 que permitiu a viabilização de uma Educação Escolar Indígena que incorporasse as reivindicações dos povos na política educacional do país, inclusive na religiosidade. O artigo 231 do marco regulatório assegura o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Na prática, a efetivação da EEI se dá através da construção do currículo próprio nas escolas, respeitando a diversidade sociocultural e étnica. Justamente o que prevê o Projeto Pedagógico destinado às quatro escolas Pipipã:

O processo de ensino de um povo não pode jamais, não levar em consideração as especificidades e as práticas culturais do povo. As crenças e tradições são trabalhadas através das práticas de alguns rituais, na contextualização dos saberes, nas palestras de lideranças e pessoas da comunidade em outros espaços educativos. (Paulo Laurentino – Coord. Pedagógico das escolas Pipipã. Agosto/ 2018).

O sagrado está presente nos conteúdos desde cedo tornando a religião uma disciplina referenciada nas escolas Pipipã. O PPP especifica a Festa do Aricuri e com ênfase no ritual da jurema e outras atividades dos terreiros “Limpo dos Caboclos e das trumbetas, Terreiro de Caraíbas, Cura, Toantes, Medicina e costumes” (Projeto Político Pedagógico – Educação Fundamental Pipipã, 2013, p. 11).

Nossa metodologia foi iniciada pela pesquisa documental da origem do povo Pipipã e do Projeto Político Pedagógico para embasar o estudo no campo. Para a coleta de dados recorremos a observação participante e entrevistas. Durante visitas no ano de 2018 realizamos entrevistas e observamos aulas em vários turnos. Nessas ocasiões identificamos um discurso de negação à religiosidade local por parte de alguns professores que adotaram outras religiões.

Adotamos ainda a técnica de entrevista coletiva denominada Grupo Focal (GATTI, 2005, p. 22), mas procuramos deixar os participantes debaterem a partir dos temas sugeridos, sem as amarras das perguntas formuladas. O primeiro grupo foi composto por professores

indígenas de escolas diferentes do povo. Em seguida conversamos durante 50 minutos com os alunos.

Os debates foram direcionados na perspectiva do Pensamento Decolonial, o despertar de uma consciência ético-crítica dos sujeitos colonizados e subalternizados pela Modernidade, fenômeno surgido em 1492, quando a Europa pôde se confrontar com o seu “Outro, controlá-lo, vencê-lo e violentá-lo: quando pôde se descobrir como um ego “descobridor”, conquistador, colonizador da alteridade” (DUSSEL, 1993, p.08).

Em 2019 concluímos nosso estudo de campo durante o Aricuri, a expressão maior da religiosidade. O ritual inicia-se no dia 10 de outubro e se estende até o dia 20 do mesmo mês, quando os Pipipã se afastam do cotidiano das aldeias para um isolamento dentro da mata na Serra Negra, localizada a quase dez quilômetros, onde eles acreditam que tudo começou. Durante o período contado no semestre letivo, os professores indígenas são orientados a focar nos ensinamentos da vivência do povo, em todos aspectos da crença, da tradição e da prática ritualística.

Mas foi justamente durante o Aricuri 2019 que surgiu o maior desafio para a consolidação da educação diferenciada do Povo Pipipã, devido à ausência de cerca de seis professores que haviam se convertido recentemente a religiões evangélicas mais conservadoras. Na tradição Pipipã, o Aricuri é o espaço de autoafirmação e aprendizagem, onde os estudantes conversam com professores e lideranças que repassam os conhecimentos tradicionais no espaço sagrado. Ao perceber a situação o Pajé Espedito Rosendo fez o seguinte desabafo:

Os livros não trazem nossa história, cabe ao professor indígena fazer isso, o que tá faltando em alguns dos nossos professor é ele fazer o papel dele, nós tem 33 professor, mas tem uns dez que não tão aqui no ritual do Aricuri e tem mais de um ano que não vi eles num trabalho de índio. A nossa cultura tá acabada, tem que o professor partir na frente pra eles (Ualunos) seguir. Já ouvi reclamação, vou ajuntar a comunidade para ter uma posição, professor indígena tem que fazer o papel dele dentro da escola, guerreiro formando guerreiro. (Entrevista Pajé Espedito Rosendo, outubro/2019).

Em relação aos professores indígenas que aderiram a outras religiões fica evidente que acabam enfraquecendo o processo de luta do povo considerando que são responsáveis pela educação específica e diferenciada. “As igrejas evangélicas têm entrado negando a espiritualidade e alegando que as nossas manifestações são demoníacas” (Entrevista Cacique Valdemir Lisboa, agosto/2018). Segundo Vilaça, (1999), os evangélicos fundamentalistas julgam os rituais indígenas alegando ser produto do mal e do diabo, “sem sequer tentarem entender o motivo cosmológico/espiritual da conduta” (VILAÇA, 1999, p. 133).

Durante o período de isolamento na Serra Negra, a educação continua fora dos muros da sala de aula abordando elementos da história, da religião e da cultura do povo. Durante o Grupo Focal os estudantes lembraram que a ausência de internet, energia elétrica, ou televisão, possibilita uma assimilação melhor dos conhecimentos originários. Na hora do ritual todo mundo vai para o terreiro e quando voltam às aldeias, os professores passam trabalhos sobre o que aconteceu.

Lá a história é contada dos antepassados até chegar a nós agora. Todo ano que a gente visita volta com uma aprendizagem diferente, já fortalece os conhecimentos através desse contato com o lugar, os mais velhos, as lideranças” (Grupo Focal: Aluno 3, dezembro de 2018).

O Projeto Político Pedagógico orienta que os professores devem trabalhar de forma intensa o sagrado nos conteúdos. A professora de religião acrescenta que a religiosidade, muito presente no povo, é vivenciada também em outras disciplinas. Um exemplo disso é quando o *toré* comanda as aulas de Educação Física.

O pajé é uma das pessoas que cobra que o toré seja trabalhado dentro espaço escolar do povo, ele sempre diz assim: ao invés de você está trabalhando outras danças, que não tem nada a ver, traga o toré porque além de você está trabalhando a religiosidade, trabalha também a educação do povo. (...) quando tem a Jurema (ritual) a escola fecha e os alunos ficam abertos para participar desse momento específico da religiosidade do povo (Professora 1, dezembro de 2018).

O diálogo entre diferentes conhecimentos ocorre também no campo da religiosidade do povo Pipipã, a vivência da ecologia dos saberes (SANTOS, 2010) fica ainda mais evidente no mês de junho, dedicado a santos católicos, no calendário escolar o dia 13 é comemorado o dia de Santo Antônio, dia 24 é festejado o São João com fogueiras e fogos de artifício e no 29 o São Pedro e no dia 20 o Padre Cícero, até com romaria para Juazeiro do Norte. Fica claro que a proposta do PPP contempla não só os rituais do povo, mas as comemorações religiosas tradicionais do catolicismo.

Na visão do pajé Expedito Roseno, para ser um educador Pipipã tem que respeitar e valorizar a cultura, crença e tradição, respeitando a comunidade como um todo, ter conhecimento das histórias dos antepassados. Após o Ensino Médio, os jovens Pipipãs “devem estar preparados para o mundo lá fora, prontos para usar os conhecimentos e as novas vivências artísticas, científicas e tecnológicas, não perdendo sua identidade enquanto povo Pipipã” (Entrevista: Pajé Expedito Roseno, agosto/2018).

2 RESULTADOS DA PESQUISA

O currículo vivenciado nas quatro escolas indígenas do povo Pipipã é ligado as experiências de ensino em espaços extraclasse, como no terreiro de *Toré*, que simboliza o momento de respeitar e imitar os costumes dos antigos, os antepassados, que não estão ali fisicamente, mas de acordo com a cosmologia, na forma espiritual. No entanto, seis, dos 35 professores indígenas, se tornaram evangélicos e passam a negar o sagrado presente no projeto pedagógico, isso porque alguns pastores destas igrejas consideram “manifestações demoníacas”, conforme declarou o próprio cacique em entrevista.

A mudança de religião desses professores indígenas acaba enfraquecendo, em parte, o processo de luta do povo, considerando que são os responsáveis pela educação específica e

diferenciada. Entendemos que não vão impedir a continuidade desta, já que os demais professores, a maioria, seguem as orientações das lideranças. A cultura é muito ampla e o ritual está mais ligado a espiritualidade, enquanto a cultura está ligada as atividades cotidianas: artesanato, a caça, a história, então mesmo com entendimentos diferentes sobre a educação específica, diferenciada, intercultural e bilíngue, ela ainda é a pauta constante do povo. A maior preocupação atualmente é com a formação dos estudantes em termos de cosmologia.

As cosmovisões indígenas coexistem com maneiras distintas de pensar e viver. Tal concepção se insere no projeto de nação pluralista, que considera o universo na totalidade, uma cosmopolítica que não separa o natural do cultural e sobrenatural, integrando a vida como um todo. Agora cada Pipipã precisa ter a consciência crítica para entender esse novo processo de negação, pois para continuar existindo na totalidade precisa manter a espiritualidade que representa essa identidade.

3 CONCLUSÃO

Por fim, entendemos que a dinâmica de diferentes saberes é importante, desde que um não anule o outro, principalmente quando o primeiro é originário. O Pajé, o cacique, o juremeiro e os anciãos são conscientes das tensões que atinge a Educação Escolar Indígena Pipipã. Como ainda não há concurso público específico para a categoria professor indígena em Pernambuco, inevitavelmente os contratos destes professores podem ser encerrados, já que as lideranças são os responsáveis diretos pelas escolhas dos docentes.

Algo que não aconteceu ainda porque as aulas presenciais foram interrompidas do início de 2020 para cá devido a pandemia do corona vírus. Por outro lado, o povo Pipipã decidiu não adotar as aulas remotas. Seria importante as lideranças chegarem a um acordo junto aos professores evangélicos para evitar desligamentos. Até o PPP entrar em vigor em 2005, estes mesmos professores praticaram a desobediência epistêmica ao romper com colonialidades impostas pela educação não indígena, então agora eles podem usar o bom senso de continuarem evangélicos, mas sem esquecer o compromisso com o repasse de conhecimentos originários presentes no currículo das escolas Pipipã.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Os jesuítas no Brasil: entre a Colônia e a República** / In: SOUZA, Carlos Ângelo de Meneses; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Orgs.) / Os jesuítas e a educação no Rio Grande do Sul: percurso histórico na formação das almas. Brasília: Liber Livro, 2016. p. 294.

DUSSEL, Enrique. **O Encobrimento do Outro**. Petrópolis - RJ, Editora Vozes 1993.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

PERNAMBUCO. **Decreto nº 27.854. Regimento Escolar Unificado – Escolas Estaduais Indígenas Pipipã**, 25 de abril de 2005 – DOU 26/04/2005.

PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico do Povo Pipipã**, Secretaria de Educação do Estado, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

VILAÇA, Aparecida. **Cristãos sem fé: alguns aspectos da conversão dos Wari.** In: WRIGHT, Robin M. (Org.). Transformando os Deuses. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.